

Sobre alguns aspectos centrais da prosa de *O cheiro do ralo*

*Paulo Vítor Coelho*¹

Resumo

Nossa apresentação baseia-se no projeto de mestrado *Ele entra: Lourenço Mutarelli e sua proposta híbrida em O cheiro do ralo*, em desenvolvimento no programa de literatura brasileira. O trabalho em questão tratará de analisar a primeira obra em prosa de Lourenço Mutarelli, *O cheiro do ralo*, publicado primeiramente em 2002 pela editora Devir, reeditado pela Cia. das Letras em 2011. Em nossa fala discutiremos as peculiaridades do texto de Mutarelli em suas formas narrativas e temáticas, procurando estabelecer e apontar alguns procedimentos básicos do trabalho criativo desse autor. Para isso, levaremos em consideração a produção anterior em gibis, mapeando a dicção de suas histórias. Quais os elementos que lhe são recorrentes? Quais temas aborda? Qual a atmosfera procura construir? Essa primeira comparação se faz necessária para analisarmos de onde surge o autor de romances e se ele conserva algum traço do autor de quadrinhos. Embora não seja a intenção desse trabalho fazer uma análise comparativa entre os romances e os gibis, nos interessa esse regresso para nos familiarizar com o trabalho do autor. Em seguida, debruçados sobre o romance em si, serão elencadas características gerais do escritor Mutarelli. À guisa de ilustração, o texto de *O cheiro do ralo* apresenta-se em uma forma fragmentada, não tradicional, veloz e com uma predominância do tempo presente. Suas personagens não possuem nomeação ou caracterização detalhada de seus corpos ou traços psicológicos. O mote do romance gira em torno da rotina de um dono de loja de penhores e sua convivência com o cheiro incômodo que sai do ralo do banheiro de seu escritório. Sua obsessão pela bunda de uma garçonete desencadeia a trama absurda desse narrador-personagem, conforme veremos ao longo da análise. Em meio a esse enredo há a frequente utilização por parte do narrador-protagonista da citação e da apropriação de outros textos, seja para traduzir um sentimento seu, seja para ser utilizado de forma completamente descontextualizada. As referências são bastante plurais e vão de citações a Baudelaire até propagandas de pasta de dente. Por esse dado mostraremos como a proposta de Mutarelli lida com a questão da prosa híbrida, que não se encaixa em classificações tradicionais, como ela trabalha os textos no nível narrativo e no nível discursivo da obra como um todo, localizando-se no contexto da produção literária brasileira na atualidade.

Palavras-chave

Lourenço Mutarelli; prosa contemporânea; romance urbano; hibridez.

¹ Mestrando do programa de literatura brasileira da FFLCH-USP sob orientação do Prof. Dr. Jefferson Agostini Mello, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: p.coelho@usp.br.

Ele entra: o autor e o ralo entupido

O paulistano Lourenço Mutarelli, nascido em 1964, possui uma trajetória profissional que se inicia nos estúdios de animação de Mauricio de Sousa, no ano de 1985, enquanto cursava um “curso relâmpago” (UNIVERSO HQ, 2001) de educação artística na faculdade Belas Artes. Em 1986, decide investir na carreira de quadrinista profissional. Suas histórias, porém, foram recusadas pelas editoras mais comerciais da época por conta de sua estética estranha para os quadrinhos nacionais produzidos até então. Optou assim pelas vias independentes que naquela época se resumiam aos *fanzines* e pequenas revistas independentes. Após publicar os *fanzines* *Over-12* (1988), *Solúvel* (1989) e *As impublicáveis* (1990) e algumas pequenas participações nas revistas *Animal*, *Porrada* e *Heavy Metal*, finaliza em 1991 seu primeiro gibi autoral, *Transsubstanciação*. Já com essa revista consegue o Troféu HQ Mix de melhor *graphic novel*, o prêmio Angelo Agostini e o prêmio de melhor HQ da 1ª Bienal Internacional de Quadrinhos do Rio de Janeiro.

Assim como *Transsubstanciação*, suas publicações posteriores receberam da crítica especializada elogios constantes e mais prêmios, apesar da vendagem baixa (MUTARELLI, 2004, p. 67). Seu estilo de traço e a temática de suas histórias não agradavam o público médio das histórias em quadrinhos de super-heróis por possuir uma expressão carregada visualmente (desenhos distorcidos feitos em nanquim preto, apenas) e textualmente (balões de fala grandes com texto em excesso) o que poderia causar certo desconforto. Contudo, essa configuração dialoga harmoniosamente com o mote das narrativas.

Essas primeiras incursões autorais trazem dados biográficos obscuros sobre o próprio autor. Seus transtornos psiquiátricos e a relação com os remédios psicotrópicos influenciam sua visão e estética (UNIVERSO HQ, 2001). Como observado por Paz, figuram como temas centrais as instituições religiosas, familiares e de saúde que caminham para uma “visão de mundo extremamente negativa, que adquire tons de religiosidade irracional, com a angústia existencial ganhando características de dogma fundamentalista” (2008, p. 151). *Desgraçados* (1993), *Eu te amo Lucimar* (1994) e *A confluência*

da forquilha (1997) possuem em sua linguagem essa atmosfera opressora e carregada.

Nos quatro primeiros álbuns o grotesco tem presença marcante, vigorosa, em acordo com os excessos característicos da linguagem dos quadrinhos *underground*. Manifesta-se na construção gráfica do desenho dos personagens: o traço, o acabamento com texturas e sombras carregadas, o aspecto disforme e contorcido das pessoas, as deformidades, os olhos expressivos que sempre parecem transmitir uma sensação de angústia e ansiedade intensas. (PAZ, 2008, p. 196, grifos do autor)

Em *Eu te amo Lucimar*, porém, a técnica de desenho difere um pouco dos outros gibis. É por meio da aguada (nanquim diluído em água para alcançar tons de cinza ou marrom, dependendo do tipo de nanquim) que esse gibi tomará corpo, o que deixa a história dos irmãos Cosme e Damião um pouco mais leve, no que diz respeito à apresentação visual. Podemos também notar a utilização da técnica da apropriação por Mutarelli, no caso ele apropria-se de poemas de Augusto dos Anjos para compor o álbum.

Seu próximo trabalho, a saga do detetive Diomedes ou *A trilogia do acidente* (2000-2002) foi publicada em quatro volumes. Aqui tanto a temática, quanto a expressão visual do autor ficam um tanto mais otimista, isso é, seu desenho não abandona a atmosfera claustrofóbica de sempre, mas apresenta-se menos caótica, enquanto que no texto a trama de Diomedes possui humor mais explícito com o uso de trocadilhos, piadas e a representação caricata do investigador, numa clara paródia à imagem clássica de detetive.

No universo de Diomedes a questão da citação e apropriação aparece com mais frequência, tornando-se um dos traços mais marcantes desse trabalho. A “realidade” transita em diálogo constante com a personagem. Gente como Glauco Mattoso², Mauro dos Prazeres³, Douglas Quintas Reis⁴ dão suas colaborações para a investigação. Assim como o quadrinista Zigmundo Muzzarella, uma brincadeira do próprio Mutarelli consigo mesmo, uma vez que a personagem possui as mesmas características físicas que ele. O cenário do Festival Internacional de Quadrinhos de Amadora também figura como local

2 Pseudônimo de Pedro José Ferreira da Silva. Glauco possui o recorde de maior número publicado de sonetos, segundo o Guinness Book.

3 Sócio fundador da editora Devir, onde Mutarelli publicou e trabalhou durante os anos 1990, onde ficou até ir para a Cia. das Letras em 2008. Mauro faleceu em fevereiro de 2012.

4 Sócio fundador da editora Devir e patrão de Mutarelli à época da publicação da saga de Diomedes.

de coleta de provas para o caso do mágico Enigma, por onde circulam Tintin, Pikachu, Aquaman, Asterix, Spirit, Popeye e tantos outros⁵.

Foi no período das publicações de Diomedes que surgiu *O cheiro do ralo*. O romance foi editado pela Devir em 2002, após alguma insistência do autor e influências externas. Segundo Mutarelli,

Ele foi editado por acidente, um acaso, já que a Devir não queria publicar romance meu, só quadrinho. Até o Arnaldo Antunes intercedeu para a publicação do material.

Eles também exigiram que eu fizesse a capa, e eu não queria fazer, queria uma foto ou algo do tipo. Enfim, eu percebi uma reticência deles (RABELLO; FLORO, 2008).

O romance conta a história de um dono de loja de penhores, sua ambivalente convivência com o ralo do banheiro de seu escritório, de onde exala um cheiro incômodo, e o nascimento e morte de sua obsessão pela bunda de uma garçone. Sua rotina segue sem grandes surpresas: alguém entra com algo para vender, o narrador-protagonista avalia a peça e decide se a compra ou recusa. Não fosse o modo como a cena decorre. A pessoa que entra só possui como caracterizadores a frase: “Ele entra”, “Ela entra”, juntamente com o objeto que carrega ou alguma ação praticada:

Ando por trás da banca.

Ela entra.

Ela treme.

Eu pago.

Ela pergunta pelo olho do meu pai. (MUTARELLI, 2011, p. 66)

A visão que o narrador tem de seus clientes é muito clara na intenção de lucrar em cima de qualquer objeto trazido, não importando procedência, raridade, valor sentimental: “Vocês me mostram o que têm, eu digo se interessa e quanto vale. / A vida é dura. E vá se foder.” (MUTARELLI, 2011, p. 19). A ordem do dia para ele é comprar, possuir o que antes não possuía. E isso vai dos cacarecos trazidos até a loja, passando pelos programas de TV (“Ligo a TV. Antes via lixo de graça. Hoje pago pra ver”, (MUTARELLI, 2011,

5 Todos são personagens de histórias em quadrinhos, mangá. Os autores dessas personagens são respectivamente: Hergé; Hidenori Kusaka; Paul Leroy Morris e Mort Weisinger; Albert Uderzo e René Goscinny; Will Eisner; Elzie Crisler Segar.

p. 26)), livros, filmes, até partes do corpo de alguém. O texto assim acompanha a lógica da negociata, contribuindo para aumentar o efeito do fragmentário da trama. Por exemplo, a apresentação do texto na mancha gráfica da página se dá por linhas curtas, frases rápidas. Variam apenas em momentos de fluxos de consciência, onde temos parágrafos longos:

Hoje é sábado. Amanhã é domingo. Depois vem segunda, e aí é terça. Buster Keaton não ri na TV. O esboço de meu pai descansa na poltrona. Ando de um lado para o outro. Imagino como será minha terça. Imagino cada detalhe. Conta por conta, vou rezando o meu terço. Rosebud. O ralo daqui está mais lotado. Parece que a loira quer sair. Se a porta da sorte não abre eu arrombo. Arrombo atirando nota por nota [...] (MUTARELLI, 2011, p. 157).

A temática do ralo ao mesmo tempo que serve de espelho do narrador-protagonista (“É o meu cheiro e não preciso explicar nada a ninguém. [...] / Só não quero que eles pensem que o cheiro do ralo é meu.” (MUTARELLI, p. 19)), atua como foco e causador de seus problemas (“É tudo culpa do cheiro do ralo. Amanhã mesmo vou mandar cimentar.” (MUTARELLI, 2011, p. 34)). Há a sugestão que relaciona os dois tipos de acumulação, o do protagonista e o do ralo. Enquanto aquele fica cada vez mais saturado de problemas, seja por acumular a história das coisas que compra (“Porque tudo que eu compro tem história. Tem sentimento. E eu, cansado, acabava os absorvendo para mim” (MUTARELLI, 2011, p. 55)), o fato de se ter tornado alguém frio, o fato de nunca sonhar, a amargura que sente frequentemente; este transborda por conta da comida da lanchonete, em uma primeira leitura, mas o ralo já fedia antes da bunda.

A bunda da garçonete, na posição imagem, serve de contraponto do ralo “É verdade. Eu tenho quase certeza absoluta de que o ralo já fedia mesmo antes de eu ter descoberto a bunda. Acho que sim. E não é a bunda que faz o ralo feder.” (MUTARELLI, 2011, p. 47). Esse elemento pode ser lido como a representação do Rosebud⁶ de nosso protagonista, isso é, algo que nunca poderá ser obtido pois foi perdido há muito tempo, dado

6 Trenó da infância de Charles Foster Kane, protagonista do filme *Cidadão Kane* (1941), dirigido e protagonizado por Orson Welles.

o sentido apropriado do filme *Cidadão Kane*, tão citado pelo protagonista do romance.

Assim como em *A trilogia do acidente*, elementos como o filme de Welles são trazidos para o romance na voz do narrador-protagonista. Não apenas filmes, como também livros (por exemplo, *Le fleurs du mal*, de Baudelaire; *Manual prático do ódio*, de Ferréz; *Mez da gripe*, de Valêncio Xavier; *Da mão para a boca*, de Paul Auster; *Homens e ratos*, de John Steinbeck; *O manequim de vime*, de Anatole France), músicos (Chico Buarque, Philip Glass, Beethoven), canais de televisão (TNT, People and Arts), parlen-das (“se essa rua fosse minha”, “hoje é domingo, pede cachimbo”, “pombinha branca o que está fazendo”), ditados populares (“A vida é dura”, “Todo labirinto tem uma saída”, “É merda pra tudo que é lado”).

A questão posta nesse uso em *O cheiro do ralo* se mostra problemática pelo teor do mote do romance e pela forma com que são utilizadas essas referências. Se por um lado, o protagonista cita (2011, p. 75) um longo trecho de *Manequim de vime* para reforçar seu argumento sobre a essência dos objetos, por outro apenas menciona Valêncio Xavier e o título do livro. Outro caso se dá na utilização da imagem Rosebud, que é transposta de forma completa para o livro e aplicada à bunda. Ambas representam algo perdido. Ou a transposição da estrutura de “Águas de março”, de Tom Jobim, para o romance, mantendo apenas a cadência dos versos e a enumeração, tornada caótica, como cunhado por Leo Spitzer, quando utilizada pelo narrador. De primeiro relance essas citações não parecem possuir uma relação contextual com o romance, são “um acumular contínuo, um amontoar que nada cria, não constrói, não destrói, não esvazia nem preenche de substância” (HOSSNE, 2010, p. 167). Assim também ocorre no protagonista, uma vez que depois de conseguir a bunda para si, tudo volta a ser vazio, a bunda passa a fazer parte do todo, “como as coisas que tranco na sala ao lado.” (MUTARELLI, 2011, p. 173).

A maneira como o texto está disposto ao longo do romance não permite que o identifiquemos absolutamente como um romance, pois pelos trabalhos anteriores de Mutarelli a linguagem dos quadrinhos ainda é bastante presente. A polifonia trazida pelo teor das menções/citações aflora o caráter híbrido do texto, aproximando peças da

cultura popular, *midcult* e “alta cultura”. Mesmo sendo o primeiro trabalho em prosa de Mutarelli, ele se encontra alinhado com a proposta da época em que surge (2002), quando aspectos como a fragmentação (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 64), a presentificação (RESENDE, 2008, p. 27), a desestabilização das estâncias narrativas, como veio se constatando, estavam bastante presentes nas obras publicadas no início dos anos 2000, e assim continuam. De forma orgânica, o autor conduziu sua obra para a dicção em voga, mas sem perder a tom que o caracteriza (o humor ácido, personagens perturbadas psicologicamente, *outsiders*, mote que tende ao absurdo, quase ao irreal das situações).

Cabe agora, captar a ordem no caos proposto por Mutarelli para captar quais os caminhos que esse romance (ou prosa, ou gibi sem desenhos⁷, ou roteiro, etc.) abre à forma artística da prosa brasileira, quais os diálogos que o autor propõe com outros meios, por qual posição ela busca assimilar seu tempo (ou se não existe esse viés).

7 Como dito por Alcir Pécora em resenha para a Folha de S.Paulo do terceiro romance de Mutarelli, *A arte de produzir efeito sem causa*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0208200816.htm>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

Referências bibliográficas

HOSSNE, Andrea Saad. Acumulação e desestabilização da forma na narrativa brasileira atual. *Teresa*, São Paulo, p. 162-169, 2010.

MUTARELLI, Lourenço. *O cheiro do ralo*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

MUTARELLI, Lucimar Ribeiro. *Os quadrinhos autorais como meio de cultura e informação: um enfoque em sua utilização educacional e como fonte de leitura*. 2004. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

PAZ, Líber Eugenio. *Considerações sobre sociedade e tecnologia a partir da poética e linguagem dos quadrinhos de Lourenço Mutarelli no período de 1988 a 2006*. 2008. 273 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/dissertacoes/2008/ppgte_dissertacao_242_2008.pdf. Acesso em: 6 jan. 2017.

RABELLO, Germano; FLORO, Paulo. Autor em trânsito, 2008. *O Grito!*. Disponível em: <http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/blog/2008/10/06/entrevista-lourenco-mutarelli/>. Acesso em: 23 dez. 2016.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Biblioteca Nacional, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

UNIVERSO HQ. *Lourenço Mutarelli: um artista na acepção da palavra*, 2001. Disponível em: <http://www.universohq.com/entrevistas/lourenco-mutarelli-um-artista-na-acepcao-da-palavra/>. Acesso em: 2 jan. 2017.